



*Aquele fim os aproximava cada  
vez mais, os fundia e, como  
fascinado, embora lutando contra  
a fascinação, se deixara envolver  
pelo único sentimento real e total,  
o da posse universal da herança  
poupada e tranquila*

# PERSONAGENS E PROBLEMAS EM DALCÍDIO JURANDIR. O fazendeiro-coronel.

Gutemberg Guerra \*

a literatura brasileira em geral, o rural invade transversalmente os diversos estilos e áreas, cobrindo boa parte da produção escrita nacional. No Pará, pode-se encontrar essa marca em autores como Inglês de Sousa, Dalcídio Jurandir, Lindanor Celina, Benedito Monteiro, Bruno de Menezes, Ruy Barata, João de Jesus Paes Loureiro, entre outros. Na narrativa dalcidiana, centrada na região norte do país, em particular no que se refere ao Pará, encontram-se personagens e temas recorrentes do mundo rural como coronéis, vaqueiros, peões, lavradores, o roubo de gado, a disputa pela terra, a condição subjugada das mulheres, a sujeição do trabalhador por mecanismos diversos. Escolheu-se, neste trabalho, o livro romance **Marajó**, de Dalcídio Jurandir, para verificar como as personagens entram em cena e o que representam. Repertoriar e discutir estes elementos do texto do autor paraense é uma possibilidade para entender o mundo rural do qual se apropriou Dalcídio Jurandir, em sua época, para dar consistência literária e social a suas mensagens. Coteja-se a construção ficcionista do autor com elementos históricos presentes no mesmo tempo e espaço amazônico. Verifica-se como estes elementos são descritos do ponto de vista sociológico e como representam uma visão de mundo de um autor da importância deste que é considerado um dos maiores romancistas da Amazônia e do país.

**Palavras Chave:** Dalcídio Jurandir, campesinato, coronelismo, ruralidade, Marajó.

\* Professor e pesquisador da Universidade Federal do Pará

O estilo narrativo de Dalcídio Jurandir, por sua fluência e abundância em períodos longos recebeu, de Paulo Nunes (2001:41) a qualificação de aquonarrativa, por oposição à sedenarrativa, estilo que caracterizaria o estilo econômico de Graciliano Ramos. Nunes associa os estilos aos ecossistemas retratados pelos dois autores, a umidade amazônica e a secura nordestina, respectivamente. Mas a exuberância do texto dalcidiano pode ser vista por outros ângulos. A julgar pelo romance *Marajó*, a profusão de personagens construídos por Dalcídio Jurandir em sua obra representa uma verdadeira multidão. Apenas para ilustrar, utilizando uma edição em que o texto é apresentado em 352 páginas, nas 150 primeiras conta-se com mais de 70 figurantes, entre principais e secundários, aparecendo de diferentes formas no romance. Mas como são construídas as principais personagens naquele livro e como as situações de conflito são identificadas no texto? Para responder a essa pergunta, tentou-se repertoriar uma por uma delas, o que representou um esforço que exigiria muito espaço para esta breve apresentação. Por isso, escolheu-se personagens centrais - Missunga e o Coronel Coutinho - representantes do patronato rural no *Marajó*. O fôlego exigido para um trabalho dessa natureza é maior do que pode ter um leitor comum, sem especialidade na área das letras, como é o caso, o que não impede, porém, um exercício de observação sobre os aspectos referentes à ruralidade e ao poder político presentes na trama sociológica envolvidos na obra dalcidiana. Leia-se, portanto, este artigo, com a referência de que o autor, engenheiro agrônomo interessado na área da sociologia rural, privilegiou aspectos ligados ao seu universo profissional.

## O RURAL E O URBANO EM DALCÍDIO

A presença da natureza, das atividades agrícolas, da rusticidade nos aposentos, vestimentas e utensílios das personagens, a dispersão geográfica, a falta de serviços básicos como água encanada, escola, postos de saúde, estradas, correios ou outras formas de comunicação, são indicadores de uma ruralidade efetiva no romance *Marajó*. As relações primárias, onde as pessoas podem ser identificadas pelos nomes e papéis que cumprem, ou tendo seus nomes diretamente associados aos papéis, indicam uma sociedade organizada com destaque nas pessoas<sup>1</sup>. As instituições públicas aparecem manipuladas pelos poderosos, sem o caráter republicano que marcou a sua generalização desde o século XIX. As relações de clientelismo, parentela, compadrio, paternalismo, expressas ao longo de todo o romance, distanciam da prática social, o exercício da cidadania. O mundo rural dalcidiano, complexo em suas múltiplas formas de expressão, é caracterizado por sua singularidade bipolar, onde dominantes e dominados convivem, mantidas as posições sociais distintas de cada categoria.

Na cidade, ou na vila, como prefere Dalcídio ao se referir a Ponta de Pedras, encontram-se os elementos urbanos, sejam eles personagens (tabelião, prefeito, médico, professor, advogado, jornalista), sejam cenários (clubes, residências, hotéis, faculdade), todos instrumentos de legitimação do poder exercido pelos coronéis (pai e filho). O direito, a cidadania, aparecem sendo exercidos ali. O rural é mais explicitamente o espaço do desmando, da lei do mais forte, sem que haja a necessidade de um artifício de legalidade.

Cargos, profissões e situações são manipulados para satisfazer os interesses em jogo. E os interesses são a acumulação de poder a partir da concentração de propriedades rurais, do poder político exercido através dos cargos eletivos (intendência e câmara de vereadores), e o domínio sobre as pessoas, este construído sobre favores ou ajudas que se revertem como dívidas (concessões de pequenos lotes de terras ou habitações, pagamentos de dívidas, enterros, doenças, empregos).

<sup>1</sup> Para uma distinção entre pessoa e indivíduo, ver Da Matta, 1979:169-185.

## O VELHO CORONEL MANOEL COUTINHO

Presente desde a primeira cena do livro, o coronel vai sendo revelado ao longo de todo o texto. Sua ligação com a terra vem expressa ancestralmente por sua ascendência. Neto de fazendeiro, filho do coronel-fazendeiro Joaquim Alvares Coutinho, demonstra uma avidez por aumentar suas extensões de terras, o que aparece em frases plantadas na narrativa pela expropriação, por artifícios variados, dos parentes, vizinhos ou quem quer que se apresente em situação de fragilidade (dívida, doença, inapetência).

*...sabia dominar os sítios e a vila de Ponta de Pedras, os lagos e as fazendas de Cachoeira (p. 12).*

A preocupação em firmar as propriedades em cartório aparece, no texto, antes mesmo que as vítimas comecem a ser declaradas (p.11).

O autor expressa a avidez generalizada do coronel por terras, com uma imagem fagocitótica:

*Devorava pequenas fazendas em Cachoeira, estreitando cada vez mais o cerco em torno das últimas e teimosas pequenas propriedades que deixavam, enfim de lutar com o grande domínio rural. Marajó para Coronel Coutinho e alguns fazendeiros grandes era um mundo à parte, privado, lhes pertencia totalmente (p. 28).*

Este domínio sobre o ambiente (terra, água, pessoas) era mantido pela força e crueldade:

*Coronel corria os campos do Arari dirigindo a matança dos jacarés, as malhadas e as ferras, tomando terras, surpreendendo vaqueiros no amor com as velhas éguas e as vacas mansas nos encobertos, fechando os lagos para os pescadores e os próprios vaqueiros. Um pescador, Marcelino, antigo vaqueiro do "Paraíso" ousara entrar num lago da fazenda e foi morto a tiros pelo vigia (p. 67 e 68).*

A associação com a nobreza é patente neste trecho. Não só o aspecto da caçada mas o domínio sobre a vida íntima das pessoas, o sexo praticado pelos vaqueiros com os animais surpreendido pela onipresença do Coronel. A entrada do ex-vaqueiro Marcelino em um lago proibido é punida com a morte, pela onipotência do Coronel.

Os atos de apropriação são enumerados e descritos com detalhes dramáticos. Pode-se enumerar, entre os expropriados pelo coronel Coutinho, o primo Guilherme (p. 16 e 17), o casal Felipe e Januária (*quando eles e outros posseiros se espantaram, -estavam feitas as escrituras por Lafaiete* (p. 35), o pai de Tenório (p. 57), o próprio Tenório (p. 59), Dona Mariazinha (p. 59). Peça chave no processo de apropriação das terras pelo coronel é o tabelião Lafaiete, descrito esparsamente no texto, mas compondo um personagem importante na trama romanesca. *Sêco, a cara engelhada, os cabelos brancos, os olhos sem cor, as orelhas como que tremiam.* Capitão da Guarda Nacional, responsável pelas falsificações de documentos no cartório a favor dos grileiros, subserviente ao velho Coronel Coutinho, mau caráter, disputa com Missunga a gestão das fazendas (quando tenta deslocar o vaqueiro Manuel Raimundo) e o amor de Orminda, com a qual mantém um romance.

Mas não só de terras se constitui o poder dos coronéis. A terra se explica pelas criações que nelas pode manter: *Seu maior empenho era ter gado* (p. 28). Gado e gente: *Coronel queria ter o povo na mão* (p. 35). E mulheres:

*Coronel dizia aos amigos em Belém que sabia povoar os seus matos, cruzar o seu fidalgo sangue português com o das índias, encher a terra de povo com a marca dos Coutinhos. De que serviam as vacas e as mulheres senão para aumentar os rebanhos?* (p. 28).

São muitas as mulheres que aparecem como tendo sido possuídas pelo Coronel Coutinho.

D. Branca, mãe de Missunga, é construída como a esposa oficial que, traída, definha e morre de desgosto. Ermelinda assume, como amante, um lugar de destaque na vida do Coronel e de Missunga, atuando como mediadora em muitos casos. Algumas outras mulheres vão ser descritas, no romance, em detalhes, como a comadre Engrácia, a ex-escrava Benedita. Outras, mostradas genericamente, demonstram contudo que parte do poder dos coronéis se expressa pelo domínio do ventre das mulheres que habitam suas terras.

Seu poder se expressa, de um lado, por essa posse das mulheres e, de outro, pelas regalias que lhes dispensa, como a casa alugada na Serzedelo Corrêa na qual habita Ermelinda, quando em Belém. Tanto o ambiente quanto as vestimentas e luxo da casa e da amante são descritas com detalhe (p. 156), expressando um poder que se espelha na casa bem situada geograficamente, e na sua aparência arquitetônica. Isto se reforça pela posse das mulheres se realizando em lugares diversos, nas casas das fazendas espalhadas pela ilha. Mesmo na morte, o coronel pesa sobre as mulheres. Teria falecido em plena atividade, com uma jovem que ... *embrulhada em um lençol saiu gritando do quarto e até hoje parece transtornada* (p. 302).

A narração da morte do Coronel é descrita como o rito de passagem de Missunga:

*Aquele fim os aproximava cada vez mais, os fundia e, como fascinado, embora lutando contra a fascinação, se deixara envolver pelo único sentimento real e total, o da posse universal da herança poupada e tranquila* (p. 303).

## A FORMAÇÃO DO FAZENDEIRO-CORONEL

Missunga, filho do Coronel Coutinho, é construído no romance como uma esperança de reprodução do coronelismo que se exercita na maior ilha fluvial-marítima do mundo. No contraponto com o pai, é elaborado, passo a passo, através de uma constante tensão: uma expectativa de ruptura entre o novo e o velho coronel, criada e mantida durante toda a trama, mas que não se realiza. Missunga é o coronel em formação, com todos os componentes de autoritarismo, machismo, ambição por terra e posição social, embora humanizado e reciclado pelo narrador a partir de traços psicológicos angustiados, conflituado interiormente com as possibilidades de incesto com as mulheres que deseja. De certa forma, Missunga se nega ao que lhe pretende atribuir o pai: assumir o mesmo papel de coronel, embora letrado (advogado), o que lhe daria uma distinção exigida pela fricção com as mudanças sociais em curso. Missunga é visto como o futuro coronel melhorado e estas expectativas vão se acumulando nas falas do próprio coronel, seu pai, mas também nas de Lafaiete, o tabelião, e do próprio Missunga, que sonha, apenas sonha, em fazer ou ter feito cursos universitários nos Estados Unidos.

A cena inicial do romance mostra o velho coronel chamando o filho, debruçando-se no parapeito do casarão, em uma tomada em que personagens e cenário expressam poder. O parapeito do casarão é uma sinalização subliminar da imponência do ambiente patrimonial. Adiante, muito mais adiante (p. 115), uma sala de jantar com dez janelas para o rio é citada. Janelas nas casas antigas eram símbolo da riqueza das famílias.

Ainda na primeira cena, a voz do coronel chama o filho e seu apelo, ou ordem, cai no silêncio, justificado pela ausência de Dona Ermelinda que tinha ido visitar uma pessoa doente no Araraiana - as primeiras damas fazem serviço social. O apelo do coronel não deixa de ser respondido com o nervosismo *do picapau martelando a macacaubeira*. Embora personagem de peso significativo no romance, Dona Ermelinda é apenas uma das mulheres do coronel, a amante que ele assume em uma de suas fazendas, e se torna a principal mulher após a morte de Dona Branca, a esposa oficial, com nome de rainha e santa, mãe de Missunga.

Na seqüência da 1ª. cena, Missunga responde pela fala do narrador, adentrando no romance pelo exercício da caça, símbolo de nobreza européia, embora sua distinção venha ajustada às condições ecológicas marajoaras. Ele não caça javalis nem raposas:

*Com a cisma de haver tatu perdido ou alguma cotia nas toças, Missunga entrou no capoeiral vizinho, seguindo o cão. Exibia no ombro a espingarda e espreitava os esconderijos mais próximos (p. 9).*

O cão tem nome emblemático, Famaleal, característica das personagens dalcidianas, aspecto também acentuado por Nunes em seu já citado trabalho (Nunes, 2001:46 e 47). Homem e natureza em confronto, Missunga estréia no romance, aparecendo armado de espingarda, *porém literalmente vencido diante do mato virgem* (p. 9). Vencido e pouco disposto a enfrentar o mundo selvagem, uma vez que, herdeiro da fortuna do pai, pode desfrutar de prazeres urbanos, civilizados, como o pai teria feito na sua juventude. Ser caçador é apenas uma diversão, que exerce mal e sob o escárnio dos outros (ver p. ex. 32). Em tudo o que faz, Missunga é retratado como um fracassado. Na caça, como vimos acima, mas também em outras passagens, a associação com a nobreza e o fracasso vão aparecer retratados de forma recorrente ao longo do romance. Na faculdade de Direito, o fracasso é patente e vai aparecer durante o texto como algo inerente à fragilidade intelectual dos coronéis. O forte do poder no mundo rural e feudal não é o mérito pela inteligência, este atributo burguês. O poder oligárquico e aristocrático são produtos da força militar e do poderio político acumulado.

A figura de Missunga é construída, portanto, com os atributos da nobreza, sobretudo o não-trabalho e o tempo à sua disposição. Sua preguiça e lassidão, o tempo livre, referido em passagens onde se entrega ao banho de igarapés (p. 12), é signo do poder. O trabalho é realizado por outros, como Benedito, serviçal com nome de negro, atributos e habilidades de índio (p. 12 e 25). Os símbolos de poder vão ser utilizados ao longo da narrativa revelando as marcas de soberania, podendo ser identificados desde as vestimentas até os gestos: caçadas, a preguiça e lassidão, os anéis.

Missunga é filho do coronel Coutinho com D. Branca. Cenas de lembranças (*flash-backs*), pintam D. Branca como a mediadora entre o poder autocrático dos coronéis (pai e filho) e os subordinados, dando uma aura de generosidade e sofrimento purgatório tanto a ela como ao filho, nos momentos em que a relembra para contrargumentar com o pai: - *Aquele administrador, meu filho, fez por mim o que ninguém faria.*

Nem mamãe? (p.108).

Missunga vive no romance a dificuldade do príncipe, do futuro herdeiro que tem que conviver com o pai e suas ordens, até o momento em que consegue liberdade para investir em um projeto próprio. Antes disso, os namoros são a sua principal ocupação, desejando e possuindo uma coleção de mulheres do povo, em angustiadas contradições para uma escolha. Parte significativa da contradição calcada na possibilidade do incesto vez que as mulheres do Marajó poderiam ser, todas, suas irmãs.

Alaíde vai ser a preferida para habitar a fazenda Felicidade, sendo descrita como a própria natureza selvagem:

*... o hálito de Alaíde, calor, frutas rachadas no chão (p. 13)*

*... fedía a peixe, a lama da várzea na vazante (p. 29).*

*Alaíde era mansa como a terra sentindo as raízes, as marés, a inquietação das árvores sob a trovoada. Se abandonava com um jeito um pouco distraído, tão tranquilo, tão natural com uma animalidade inocente, tão inocente, em certas horas, que havia naquilo a sensação quase do incesto (p. 75).*

Ensaia um passo de modernização da administração das fazendas quando o pai se afasta e ele, Missunga, assume o terreno expropriado de Felipe. Contrata e assalaria trabalhadores e dá o nome de *Felicidade* às terras em transformação. Alaíde é sua companheira neste projeto mas o nome da tentativa modernizadora de Missunga dissolve-se com a volta do pai, imbuído da idéia de uma associação com os japoneses. A utópica Felicidade gravada em uma tabuleta de madeira é finda arrancada por uma mulher para dela servir-se como remo...(p. 163 e 164).

Mais do que desejar, possuir mulheres é um atributo do poder no Marajó, ilha e romance. Missunga é revelado ávido de mulheres desde a mais tenra infância, no colo de Mariana. Vai viver de conflitos pelas comparações entre Ormindá, Alaíde, Guita, Hilda, Marta, Adelaide.

Seu projeto de tomar as rédeas das fazendas, concretizando sua formação de patrão tem como impecilho e existência e vigor do pai, de um lado e, de outro a presença marcante do gerente, Manoel Raimundo. Vaqueiro experimentado, exercendo o seu poder delegado pelo coronel Coutinho sobre o vasto rebanho, manifesta-se também como poderoso no campo das proezas sociais, como possuidor de muitas mulheres e filhos. Entrelaçando confiança e dependência à uma relativa autonomia e competência, Manoel Raimundo troca com o coronel Coutinho em uma moeda que bloqueia o acesso de Missunga ao coronelato até a morte do seu pai.

Depois da passagem do velho coronel, Missunga assume o comando das fazendas e o vaqueiro passa a ser o seu braço direito, faz parte da herança dos bens do velho. O capítulo 47 é prodigo em descrever os poderes acumulados pelo velho e herdado pelo novo coronel que, tomando conhecimento da extensão do seu patrimônio, comemora seu primeiro dia de trabalho igulando-se ao criador: *É o meu primeiro dia de criação!*

*Quarenta mil reses redondas, bravias e mansas, búfalos, a melhor cavalaria de Marajó, terras, barcos, lojas, lanchas, depósitos nos bancos, servos, cartórios, juizes, irmãos e contas a receber. Era a herança.*

As personagens do romance são construídas detalhadamente ao longo de todo o romance. Dar conta de cada uma delas implica em sair recolhendo cada uma de suas características para montar o quebra-cabeça. Faz-se, neste texto, apenas uma parte do que seria suficiente para mostrar a figura do coronel e algumas situações em que ele se envolve por força do seu papel. Outras personagens merecem o mesmo tratamento, como o vaqueiro Ramiro, as mulheres, figuras de densidade lírica significativa na obra de Dalcídio Jurandir. Mas estes ficam para outro trabalho...

## CONCLUSÃO

A figura do coronel apresentada no romance *Marajó*, de Dalcídio Jurandir, é construída associando o poder conferido à categoria pelo domínio do tempo, de terras, de gentes e de gado. Ênfase no desejo e na posse de mulheres caracteriza tanto o velho coronel como o seu herdeiro. A morte do velho coronel é descrita como tendo sido no pleno exercício de sua virilidade. O novo coronel, depois de exercitar o domínio de sua herança, embarca para o Rio de Janeiro, descrevendo-se seu afastamento da ilha como um misto de pesadelo e morte. O romance encerra, porém com a morte de suas amantes, em ambientes onde se confundem com a natureza, como se o afastamento (morte?) do senhor implicasse o fim de suas desejadas.

A riqueza de detalhes apresentadas nos cenários, situações e no comportamento das personagens confirma o sólido trabalho de observação e registro que Dalcídio Jurandir exercitava e utilizava em seus trabalhos. As situações de conflito no campo, como o roubo de gado, os conflitos pela terra, as contradições entre peões, fazendeiros e seus administradores, são todos elementos sociológicos dignos de uma leitura mais refinada e de uma resposta que possa ser dada à proximidade entre ficção e realidade.

## BIBLIOGRAFIA

CELINA, Lindanor. *Pranto por Dalcídio Jurandir*. Memórias. Belém, Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1983.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 1979. 272 págs.

JURANDIR, Dalcídio. *Marajó*. 3ed. Belém, CEJUP, 1992.

NUNES, Paulo. *Aquonarrativa: uma leitura de Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir*. Belém, Unama, 2001.